



OS ÚLTIMOS DIAS: FOTOGRAFIA E MORTE II

Fernando Augusto dos Santos Neto. UFES

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo apresentar a série de fotografias e desenhos intitulada “Os Últimos dias do meu pai”, e descrever e refletir sobre a relação desenho, fotografia no assistir fatos da vida cotidiana e como a criação de imagens afeta a nossa cultura e nos mostra formas de lidar com o fenômeno vida-morte. O texto se constrói de forma verbo visual, de um lado relatando uma experiência criativa, do outro dialogando com outras imagens fotográfica e gráfica de artistas que retrataram o morrer, a saber, Pedro Meyer, Eugene Smith e Flávio de Carvalho e os autores, Roland Barthes que define a fotografia como imagem de morte, Elizabeth Kubler-Ross que fala do morrer em casa como uma forma de ritual a ser resgatada e Edgar Morin que pensa o particular como holograma, algo que contém, cada qual a informação da totalidade em que se inscrevem.

Palavras-chave: arte, poética, fotografia, morte.

ABSTRACT: *This paper aims to present a series of photographs and drawings entitled "The Last Days of my father, Photography and death II" describe the process of realization as an art form and mourning and reflection on photography, art, creating images affects our culture and shows us ways to deal with the phenomenon of life and death. The text builds visual verb form, one side reporting an experience of another dialoguing with other photographic images and graphic artists who depicted the dying, namely Pedro Meyer, Eugene Smith and Flávio de Carvalho and authors like Roland Barthes who defines photography as image of death, Elizabeth Kubler-Ross speaks dying at home as a form of ritual to be rescued and Edgar Morin think the particular as hologram, which contains the information of each totality in which they enroll.*

Keywords: art, poetic, photography, death.

A fotografia contemporânea não cessa de nos atrair e de nos espantar com imagens, de um lado cada vez mais próxima de uma não imagem, do outro com a possibilidade infinita do processo primeiro da fotografia referencial. Originada sob a égide de representante fiel do real ou mais ainda, como testemunha da verdade, se tornou um meio poderoso de criar imagens mas também de invenção, de manipulação, de criação e de multiplicação de imagens. Fotografias são criadas e destruídas em frações de segundos. Nunca se fotografou tanto como em nossos dias e em muitos casos fotografa-se

primeiro para ver depois. Não sabemos para onde vão tantas fotografias, como não sabemos direito porque fotografamos ou nos deixamos fotografar ou como a fotografia afetou e afeta a nossa cultura. É fato que fotografar tornou-se algo corriqueiro em nossos dias, e o seu exercício permeia muitas faces, seja como forma de registro, como forma de arte, como forma de pensar.

Início da viagem

Certo dia de agosto de 2003, em Londrina-Pr, o telefone de minha casa tocou e, eu sem poder atender naquele momento, ouvi a mensagem deixada pela vizinha da casa dos meus pais, na distante cidade de Medeiros Neto, interior da Bahia. O curto recado dizia: ... “seu pai está muito mal, venha urgente...” Estava implícito que talvez houvesse tempo de ainda encontrá-lo com vida, como de fato encontrei, mas era uma mensagem de morte. Naquele mesmo dia comecei a me preparar para a viagem, verificar horários de ônibus e de avião e arrumar minha bagagem. Entre as coisas que coloquei na mala estavam duas câmaras fotográficas, uma Nikon F4, analógica, emprestada do fotógrafo e amigo paulista Daniel Ryo e uma digital compacta da Nikon coolpix 950, algumas folhas de papel, bico de pena e tinta nanquim. Eu estava com 43 anos de idade e ia assim me encontrar com meu pai em seus momentos finais, iria desenhá-lo, estar com ele, fotografá-lo e neste encontro me despedir dele. Despedir-me dele, de certa maneira, através do desenho e da fotografia, mas o que é isso? Não sei, ou sei, ou não há muito o que saber além disso. Há os que acreditam na vida após a morte, na promessa de um paraíso ou de um inferno ou na continuação da vida pela reencarnação; há os que não acreditam nessas vias e dizem que tudo termina aqui; há os que não sabem o que dizer, mas sentem o mistério e a possibilidade de todas essas coisas coexistirem sem que saibamos nunca o que dizer ou fazer. Mistério e possibilidades, situações que resistem à toda resposta generalizada que, no entanto se apresentam diante de nós, na iminência de uma revelação: a morte é um grande momento da vida, um momento que dimensiona a vida e dá significado.

Os primeiros quadros

Eu já me defrontara com a morte em diversos momentos: no falecimento da minha avó e de dois irmãos e, no falecimento de amigos próximos. Mas a primeira vez que quis pintar este tema foi, através da fotografia que encontrei a mais bela imagem da morte, trata-se da fotografia feita pelo norte americano Eugene Smith "*Mulheres velam o corpo de Juan Larra na cidade de Deleitosa, Espanha*", 1951. Esta fotografia belíssima parece ter sido pensada matematicamente. Limpa, sem deixar resto (como diria o artista Amílcar de Castro); na base está a figura do morto e, a partir dela, rostos de homens e mulheres aparecem em contra diagonal. A luz oblíqua ilumina somente alguns pontos, escondendo todo o resto do ambiente em um negro profundo. Esta luz um tanto cinematográfica ou caravaggiana, com seu forte contraste, toca de forma sensível os dois extremos imbrincados: a vida e a morte, o silêncio e o ruído, a paz e a dor. Vemos a foto e, nela tudo se faz silêncio, um silêncio que é dor e é também espaço, tempo, vida e beleza. Foi sob este impacto que por volta de 1984 pensei realizar uma pintura que falasse desse lugar, do espaço da morte, uma pintura que falasse da dor, uma pintura que falasse da falta de sentido e do sentido na falta. Nunca concluí o referido quadro, mas nunca me esqueci dele, se por um lado pictoricamente ele foi um fracasso, por outro, colocou a questão que guia meu fazer artístico: como fazer a vida? Como viver bem?



Fig. 1. F. Augusto. Pintura, ac s. Eucatex, 50x70cm. 1985

Eu já conhecia os desenhos de Flávio de Carvalho denominados série trágica *“Minha mãe morrendo”*. Sempre que revejo ou penso nesses desenhos eu me pergunto como ele os fez? Diferente da fotografia, onde o registro é feito em milésimos de segundos, o desenho leva horas de feitura, ademais com as dimensões em que ele trabalhou, são dimensões que pedem mesa ou cavalete e gestos amplos. Colocar-se diante daquele momento com esses aparatos e realizar os desenhos que realizou é uma atitude que em nossa cultura parece loucura, por isso mesmo transgressora. É colocar-se ali não para chorar, não para lamentar, nem para contemplar, numa atitude meditativa e conciliar com o fato, mas colocar-se ali para construir uma imagem na qual se possa acreditar ou constituir beleza. Uma beleza vulcânica, ameaçadora e terrível, mas que nos dá a dimensão do humano. Ali estão a dor, a agonia, o grito, o que não queremos ver, o que não podemos evitar. Será que a arte nos possibilita, nos ajuda ou nos conforta em momentos como este? Alguém já disse que não vamos ao dentista para tratar dos dentes bons, mas dos que doem. Esta é certamente a via da arte, falar do que dói; é a via que nos faz trabalhar e buscar sentido. Assim é que, decidido coloquei em minha bagagem o material fotográfico e de desenho ao iniciar aquela viagem para ver e me despedir do “seu Josa”, era assim que o chamávamos. Fotografar é forma de ver, de nomear e de se despedir das coisas. As coisas vão, mas de alguma forma guardamos sua presença nas imagens que delas temos. Trata-se de uma maneira de pensar aquilo que foi e de continuar sendo. O que fotografamos não está mais (ali ou lá), mas esteve. Esta situação fotográfica é sempre tocante, mesmo se se tratar de fotografias totalmente inventadas, pois por analogia remete sempre a essa condição, condição índice, iconicamente, ela carrega esse traço com o real. Dispus-me a fazer estas imagens por se tratar do meu pai, mas sei que elas evocam, ainda que de maneira incompleta, o destino de todos os homens, como escreve Morin ao falar de Vidal, pai dele. E sendo “seu” Josa o foco dessas imagens, eu só poderia fazê-las com o máximo de objetividade, isto é, observando as linhas, as formas, as luzes, as cores, o conjunto de forma. Eu já o nomeava antes na terceira pessoa em nossas relações, mas é ao fotografá-lo e desenhá-lo que nomeio-o verdadeiramente, para além do meramente pessoal: parafraseando Morin: ‘como os pontos singulares de um holograma, que contém cada qual a informação da totalidade

em que se inscrevem, o destino único de Euclides Augusto dos Santos, meu pai, traz em si o florescimento, o crepúsculo e o morrer em nossa cultura. Isso faz com que estas imagens *sobre e para meu pai*, não sejam simplesmente imagens de meu pai.



Fig. 2. F. Augusto. Desenho, diário de luto, da série Os Últimos dias, bico de pena sobre papel, 11x30cm aberto, 32 páginas. 2003



Fig. 3. F. Augusto. Desenho, diário de luto, da série Os Últimos dias, bico de pena sobre papel, 11x30cm aberto, 32 páginas. 2003



Fig. 4. Da Série "Os Últimos dias do meu pai, fotografia digital, 30x40cm. 2003



Fig. 5. Da Série “Os Últimos dias do meu pai, fotografia digital, 30x40cm. 2003



Fig. 6. Da Série “Os Últimos dias do meu pai, fotografia digital, 30x40cm. 2003

A Sala e o porão

É preciso dizer que eu fotografava a casa dos meus pais desde os tempos de estudante quando adquiri minha primeira câmara fotográfica. Na época eu morava em Belo Horizonte e cada viagem de férias era tempo de rever os familiares e fotografá-los. No curso dos anos “seu Josa” adoeceu e, foram longos anos de convivência com a doença. Neste estado ele fez uma coisa singular, instalou sua cama em um dos cantos da sala da grande casa onde morávamos, fugindo assim do isolamento do quarto. Agora que ele estava doente, eu deveria parar de fotografá-lo? O senso comum diz sim, eu

mesmo já ouvi diversas observações pouco lisonjeiras me perguntando por que fotografar o pai doente ou morrendo. A resposta segue o curso natural das coisas: eu o fotografava na doença, pelo mesmo motivo que o fotografara na saúde, fotografava a vida acontecendo diante dos meus olhos, a vida vivida, e esta não é feita de belos momentos selecionados em fotografia, portanto não iria fugir dele agora, não iria negar sua doença, nem sua imagem, não iria lança-lo no escuro sombrio da não fotografia. Fazer isso seria como que dizer que ele não era mais fotogênico, que a situação não era mais fotogênica. O fotogênico é estereótipo, o fotográfico é a vida, com seus tons claros e escuros.



Fig. 7. Da Série “Os Últimos dias do meu pai, fotografia digital, 30x40cm. 2003

‘Seu’ Josa, ao sair do isolamento do quarto, em sua morte me trazia uma lição de vida, a de que este momento de passagem é de grande beleza e dor e que podemos aprender a fazê-lo. Anotei estas palavras em meu caderno de desenho transformado em diário de sentinela e trabalhei assim, um luto sem muitas lágrimas, sem gritos de desespero, mas cheio de agradecimento, agradecimento pelos seus 79 anos de vida dele, pelo seu afeto um tanto rude de homem da roça, pela sua história de vida, de coragem e de luta. Ele que atravessara seca no sertão da Bahia, que viajara o mundo a cavalo, que se tornara rico e morria pobre, ele que sempre dizia que a maior riqueza do homem era o conhecimento, me fazia ali conhecer este lado profundo da vida,

o morrer. Desde então, a morte começou a fazer sentido para mim, passou a ser não mais um inimigo da vida, que solapa parentes e amigos, mas texto, condição da própria vida, passou ser meu objeto de pesquisa plástica, algo que eu sem saber já havia pintado e desenhado em meus quadros anos antes. ‘Seu Josa’ ao mudar-se em seu leito de morte, do quarto para a sala, trazia para o espaço de visita o que não era para ser visto, trazia algo inerme, disforme, incômodo, trazia, se quisermos pensar com Freud, para a consciência o inconsciente. Neste contexto inverte-se o convencional “ver para fotografar”, criando uma outra via: o fotografar para ver. É isto que experimento nestas fotos. Elas se juntam à experiência vivida e me permitem reflexões infinitas sobre o existir todas as vezes que as observo, todas as vezes que me detenho diante delas com tempo e disposição para os pensamentos que a elas se associam, pensamentos invasivos, na real definição de Freud que criam outras imagens e nos levam ao conhecimento de nós mesmos.

Foram cerca de trinta dias de vigília e duas viagens de Londrina a Medeiros Neto. E todos os dias desenhei e fotografei minha antiga casa e o meu pai, como uma homenagem à vida, passando a maior parte do tempo ao lado da cama onde ele se encontrava deitado. “Seu” Josa não podia mais falar, mal conseguia mais comer, muitas vezes a comida era lhe empurrada pela boca. Porquê? Ninguém conseguia aceitar deixá-lo morrer. Quando o médico da cidade disse que a medicina nada mais podia fazer por ele, pensou-se em leva-lo para Belo Horizonte, em ambulância, atravessar horas e horas de viagem, buscar de internação em hospitais distantes da cada dele... para quê? Neste momento eu disse não. Não via a morte como inimiga que me levava um ente querido, mas o coroamento de uma vida vivida. A morte estava ali, estava ali, poeticamente falando como a formidável mulher do poema de Manoel Bandeira que vinha buscar o doente e ele, a descobria bela e fulgurante e a abraçava, aceitava sua mão e se deixava conduzir para o lado desconhecido. Nesses dias “seu” Josa não podia mais falar, eu então ficava ao seu lado, em silêncio. As pessoas que chegavam e saíam falavam muitas coisas, mas poucas pessoas ou ninguém tinham (ou tem) palavras para o morrer. Pensei que poderíamos cantar – mas onde estavam os nossos rituais de morte? Na falta deles, estar lá em silêncio, já era significado. Foi o que observei

escrevendo na página nove do caderno-diário: “decido adiar meu retorno à Londrina, preciso acompanhá-lo nesses dias. São 4:50 da manhã, os galos cantam anunciando o dia. Passa um caminhão.” (Santos Neto, 2003, p. 9)

E mais à frente:

Acho que posso dizer que aceito a morte de meu pai com calma, assim como aceito a minha. Vou morrer um belo dia e isso é belo; passar, dar lugar à própria vida que continua, digo até que gostaria (como no ritual budista tibetano) de ser despedaçado e dado de comida aos animais e bichos que precisam da minha carne para viver... para que assim a vida continue sem ocultamento. Mas já que precisamos de metáforas, o enterro é a passagem perfeita: alimentamos a terra de óleo, gordura e ossos e que dela brote a árvore, o fruto, a grama. (Santos Neto. 2003, p.18)

Poderíamos pensar que o alto grau de conhecimento acerca do mundo proporcionado pela ciência nos prepararia, a nós e nossas famílias para o acontecimento inevitável da morte, mas não, quanto mais avançamos na ciência, mais parece que tememos e/ou negamos a realidade da morte. A médica e escritora americana Elizabeth Kubler-Ross fala da diferença entre a morte solitária em hospitais e a morte com familiares em casa e, quando se faz uma morte serena. Ensina esta autora que há momentos na vida do doente que a dor cessa, a mente entra em um estado de indiferença, a necessidade de alimentação se faz mínima e a consciência do meio ambiente se torna turva. É o momento que precede a morte e quando ela é mais real. O momento em que os parentes andam para e para cá nos corredores dos hospitais em expectativa, sem saber se saem para cuidar de suas vidas ou se devem ficar, esperando o instante fatal “É o momento em que é tarde demais para as palavras, em que os parentes gritam mais alto por socorro, com ou sem palavras. É tarde demais para intervenções médicas (..) mas é também cedo demais para uma separação agonizante”, escreve Kubler-Ross (1989, p.227). E fala ainda do papel do terapeuta do paciente e do papel daqueles que tem força e amor para ficar ao lado do paciente moribundo com o silêncio que vai além das palavras. E explica que “este momento não é assustador nem doloroso, mas um cessar em paz, do funcionamento do corpo. Observar a morte em paz de um ser humano faz-nos lembrar uma estrela cadente” (Kubler-Ross, 1989.p. 227).

Fim e começo

A série “Os últimos dias” não foi feita com intenção de ser arte enquanto algo expositivo, mas como exercício de ver e de desejar ver aquelas imagens em fotografia, um exercício de estar ali desenhando e fotografando. Foi um exercício de fotografar para ver, fotografar para estar ali naquele lugar. Não havia, portanto, proposição de mostrar ou expor tais imagens, neste contexto elas se tornam uma experiência, um exercício de pensamento, uma maneira de dar forma ao que não tem forma, uma maneira de criar imagem, uma forma de conhecimento. Inverte-se, de algum modo, o famoso vetor barthesiano, do “isto esteve lá”, para dizer algo mais: isto é imagem, isto é forma, isto é visual e perguntar: que pensamento é este, que podemos pensar a partir dessa forma? Não mais confundida como verdade nem como testemunho a fotografia tem vida própria pela sua maneira de particular de construção. Neste sentido a visão de Barthes é bastante restritiva ao procurar uma essência fotográfica calcada no referente, conseqüentemente no conteúdo, fazendo da fotografia um mero suporte da significação. A forma é significado, assim posso dizer que estas imagens sobre e para meu pai, são imagens do meu pai, mas imagens que trazem em si o florescimento, o crepúsculo e o morrer em nossa cultura.

Atualmente, com os olhos do fotógrafo Pedro Meyer tenho voltado seguidamente à série “Os Últimos dias” interesse em a partir delas contar a história do “seu” Josa, abarcando um grande espaço de sua vida. Durante minha infância e boa parte de minha vida, vivi em uma família que deu pouco valor as imagens, talvez por isso ao me interessar em por elas voltei-me, pra o mundo exterior buscando imagens expositivas, aos poucos minha realidade foi se impondo e, o que começou casualmente me levou a me colocar de frente com o maior desafio da vida, o morrer. Quando recebi a notícia de que meu pai estava à morte entendi que era uma questão de integridade de minha parte que meus olhos e minhas mãos fossem capazes de capturar imagens de minha própria família, da mesma forma que fotografava e desenhava outras pessoas conhecidas e desconhecidas. Perguntava com escreve Pedro Meyer, “com direito eu fotografava os outros e não era capaz de fotografar minha própria gente?” Isto me levou a considerar a minha própria família como objeto da minha fotografia e a morte como algo não proibido. Nada havia que esconder.

Contudo, como disse antes, não tinha feito essas fotos para publicá-las, isso veio depois de um demorado exame de consciência, de onde concluí que trazer a público este trabalho era uma forma de honrar a meu pai, uma forma de amar, de contar, de pensar a história a fragmentada, frágil minha família, uma família que viveu as durezas da vida no sertão, que veio para a cidade e viveu o desencontro da vida na cidade. Assim ao fazer estas fotos e desenhos as fiz como uma forma de enfrentar minha origem e também enfrentar a morte. Segundo Meyer, Jean Cocteau teria dito que “a fotografia é a única maneira de matar a morte”. Eu digo que criar imagens da morte é uma das grande vias de conciliar-se com a morte. Fotografo para viver. Tendo isso em mente retorno sempre casa dos meus pais no interior da Bahia ver “D. Abigail” minha mãe, hoje cercada de solidão e cores como meu pai outrora, para desenhá-la e fotografá-la e sobretudo reconhecer minha infância. Trata-se de um trabalho que continua e da qual esta é a primeira parte que vem a público.

Da exposição

Em junho 2004 realizei uma exposição completa da série “Os Últimos dias” na casa Andrade Muricy em Curitiba-PR. Foi um momento em que parei para olhar essas imagens em exposição pública e, digamos assim, conversar elas. Na ocasião, eu fui o primeiro a chegar à exposição, e ali, sozinho, por um bom tempo, me dei a este exercício de ver, de lembrar, de conversar com essas imagens e escrevi um texto, carregado de lembranças e de emoção que sempre guardo comigo. Gostaria de encerrar este artigo com ele, vendo a exposição.

Sou o primeiro a chegar à exposição. Olho as fotografias em silêncio, detenho me em duas que funcionam como um díptico, em uma delas “Seu” Josa recebe uma injeção aplicada por minha irmã mais velha Isabel. A face dele se contrai de dor. Na outra, quase a mesma cena da aplicação da injeção. Pouca coisa muda de uma fotografia a outra. Sentados, ao lado dele, um casal de jovens. Uma garota espreme espinha no rosto de rapaz. São: meu sobrinho Túlio e minha segunda minha irmã Lúcia. Um cachorro, quase despercebido na foto anterior sobe à cama, se colocando entre a figura de

“Seu” Josa recebendo a injeção e o dois jovens. “Seu” Josa *logo estará morto*. Uma mão aparece no alto da porta, à direita e espera, é provavelmente um vizinho. “Seu” Josa toma uma injeção e espera, minha irmã também espera, espera que ele melhore de saúde, mas também espera o pior: Nosso *pai logo vai morrer*. O pior? Aprendemos a chorar a morte, às vezes sem saber porquê. Olho a imagem e penso “temo a morte dos meus filhos (João e Pedro, de 6 e 11 anos), na flor da idade, mas do meu pai não, foi uma vida bem vivida”.

De repente, gostaria de perguntar a ele teme a morte ou se a aceita. Explico porque neste estado eu não temo a morte de “Seu” Josa, porque não a vejo mais como uma inimiga. Ele viveu 78 anos e, há dias está muito doente, com muita dor. Não se pode querer viver num corpo tão debilitado, sem sentir mais o gosto da comida, o gosto da água, do vento... Um corpo que não sente mais o barulho da casa, o carinho das pessoas, que não sente mais o tempo, que não se revolta não pode mais dizer que vive realmente. Digo isso, mas como será que ele sente todas estas coisas? 78 anos é um bom tempo de vida nesta terra. Talvez tempo suficiente para se ter vivido a experiência humana da vida. Que tempos outros virão, ou existirão? A nossa experiência humana só percebe o que se formata enquanto experiência humana. Terá “Seu” Josa vivido bem estes 78 anos? Sentiria ele vontade de ainda viver para fazer alguma coisa? Reparar algo que julgue ter feito errado? Bem Jovem saiu ele do sertão da Bahia e foi para o sul - sul da Bahia que ainda é sertão, por que o sertão, para o sertanejo não termina nunca - viajou quinze dias a cavalo, levando tropa e gado, para finalmente se estabelecer como proprietário de terra e agricultor. De boiadeiro, vaqueiro, tropeiro se fez fazendeiro, negociante e por fim, aposentado. Ainda jovem casou-se com Abigail, bem mais jovem do que ele e uma das mais belas moças do lugar. Gostava de contar que segurava um boi no laço, quando jovem. E de fato lutou com bois e teve um braço, três costelas quebradas e, uma perna rasgada por um marruás valente que lhe deixou cicatriz enorme. Fumava cigarro de palha, ficou bêbado apenas uma vez, passou mal e jurou nunca mais beber. Homem de opinião que, quando eu vi chorar pela primeira vez me causou estranhamento. Teve apenas seis meses de escola, assim aprendeu a ler, a escrever e a fazer contas. Escreveu-me poucas cartas, mas ainda guardo o desenho de sua caligrafia bonita e

angulosa. Gostava de ler e recitar literatura de cordel - “As aventuras de lampião no céu”, “A peleja do cego Aderaldo”, e “As Aventuras de Pedro Malazartes”, entre outras. Vez ou outra cantava: *“boi tem força no cangote / cavalo no espinhaço / mulher na ponta da língua / homem no punho e no braço.”* Com minha mãe Abigail teve oito filhos, dois morreram cedo, um jovem com dezenove anos, nós os outros, vingamos e estamos por aí.

“Seu” Josa se empenhou para que todos os filhos tivessem escola e, em parte, por isso, se dispôs a viver na cidade. Nunca vi desajuste maior, morar na cidade não era a vocação dele, no entanto ele ficou. Aos poucos foi vendendo as terras que tinha e também o gado, tentando sempre acertar os negócios, mas desacertando. O plano Collor foi o grande golpe e seu primeiro infarto. Lá se foi sua última nesga de terra e as últimas cabeças de gado. Ele que um dia fora convidado para ser o delegado da cidade de Medeiros Neto-(Ba), mas que recusara com a frase: “sei lidar com gado, não com gente”, não tinha mais bichos para cuidar. Teve muitos amigos, desses que a gente faz com vinte, trinta, quarenta anos. Mas lidar com a dor, lidar com a morte, será que ele sabia? Lidar com animais, com a natureza, ensina a lidar com o humano. “Seu” Josa teve este aprendizado e soube exercê-la bem, certamente melhor do que eu; mesmo assim tornei-me professor de uma disciplina que mais do que nunca me ensina isso: aprender o humano.

Não vejo mais a morte como aquela que vem tirar-me a vida ou a vida de pessoas queridas, mas como um ente que dela participa, propiciando reflexões e sentido. Não tem sentido viver no sem fim. O para sempre, infinitamente é igual à não existência, ao não viver a experiência humana das coisas e do ser. Se compreendermos as coisas num crescendo e devir a ser, a morte, ao invés de vilã é um dos grandes estágios desta evolução. Esta foi a lição última que meu pai, em sua morte, me deu e me propiciou viver.

Noutra sequência de fotos “seu” Josa está morto. Seu caixão, coberto de flores amarelas e vermelhas está no meio da sala. Devagar, com gestos quase calados, as pessoas observam e se vão. Uma mulher de braços cruzados espera na porta. Atrás dela um homem também espera. Quase

ninguém fala, todos respiram um silêncio de morte. “Seu” Josa, morto está voltado para dois retratos na parede. Um dos retratos é dele próprio, o outro é da mãe dele, minha Vó Floriana, quem eu não conheci. Ele falava muito dela. Na foto seguinte surge a figura da minha irmã Isabel, que antes aplicava a injeção. Agora ela se dobra sobre o corpo dele e chora. Meu irmão Lidio está em pé na contra luz, mudo. As pessoas esperam e passam o tempo. No braço da minha irmã que chora, quase imperceptível, quase uma sombra, um mosquito pousa. Ele me lembra que todos os tecidos apodrecerão. Eu me lembro-me do meu pai vivo e penso *meu pai você só morrerá quando eu morrer*.

REFERÊNCIAS:

- KUBLER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a morte e o morrer*. Martins Fontes, São Paulo-SP. 1989
- MORIN, Edgar, *Um ponto no holograma: A história de Vidal, meu pai*. A Girafa. São Paulo-SP. 2006.
- MEYER, Pedro, <http://www.pedromeyer.com/galleries/i-photograph/indexsp.html#visita>, 03.05.2013

Pintor, desenhista, fotógrafo, trabalha o desenho como uma maneira de pensar a pintura, a fotografia, o espaço e o próprio desenho. É a partir do desenho que constrói toda sua obra. O artista trabalha buscando lançar luz sobre cotidiano pessoal, as relações interpessoais, a cultura, a tradição artística e cenas da vida brasileira. Ao lado do desenho ele se utiliza também da fotografia e da literatura, interferindo em livros diversos e criando livros de artistas.